

“CASA SANTA”: UM ABRIGO COM PINTURAS RUPESTRES DO ESTILO SERIDÓ, NO RIO GRANDE DO NORTE*

Gabriela Martin
da Universidade Federal de Pernambuco

Dos sítios arqueológicos com pinturas rupestres em estudo na região do Seridó, no Rio Grande do Norte, o abrigo “Casa Santa”, é dos mais interessantes, pela riqueza da temática e variedade de cores. É também um dos menos conhecidos pelos arqueólogos ocasionais da região, pela sua longa distância e seu difícil acesso através de Carnaúba dos Dantas, a cujo município pertence.

Temos chamado estilo **Seridó** às pinturas rupestres de um grupo de abrigos sob rocha, localizados nos vales do rio Seridó e seus afluentes, tributários da bacia do Açú. Os abrigos, localizados nas encostas das serras que circundam os vales, com alturas de 500 mts. sobre o nível do mar, apresentam características semelhantes entre si, quer na técnica de elaboração, quer nos temas figurativos que os agrupam num mesmo contexto cultural, (G. Martin, 1982).

* Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas — CNPq.

As características do estilo **Seridó** são: traçado firme do desenho, pequeno tamanho das figuras, pouca determinação do sexo nos antropomorfos e ausência de **repouso nas cenas**, onde, ao contrário, as figuras parecem desenvolver intensa atividade, como possuídas de grande agitação. As faces das figuras humanas esquematizam perfis em atitude agressiva como se gritassem. Este aspecto coincide em parte com o já destacado por N. Guidon (1976) ao definir o estilo **Várzea Grande**, no Piauí: "As figuras humanas caminham, pulam, correm, dançam com movimentos graciosos, lançam dardos ou atacam com bordunas ou machados. Algumas são estáticas mais revelam uma expressão emocional pela posição dos braços da cabeça e do corpo..." Observamos que esta descrição é também válida para o estilo **Seridó**.

Aceitando a metodologia classificatória proposta por N. Guidon (1976) para o SW do Piauí e considerando, em consequência, que o conceito de **tradição** vem definido pela temática, inserimos o estilo **Seridó** dentro da **Tradição Nordeste**, cujas principais características são: equilíbrio no número de antropomorfos e zoomorfos, menor número de grafismos puros (figuras geométricas), existência de grafismos de ação, ou seja, representações de cenas. Esses elementos encontram-se nas pinturas que estamos estudando, as quais dentro da **Tradição Nordeste**, teriam seus maiores pontos de contato no estilo **Várzea Grande** do SW do Piauí, sem que por isso queira-se estabelecer relação cronológica entre os dois estilos, e sim apenas assinalar que uma tradição de pintura rupestre teve seu núcleo de dispersão no SW do Piauí, onde a concentração de abrigos pintados é maior e estendeu-se por outras regiões do Nordeste, não ficando isolada na região originária.

As pinturas do estilo **Seridó** foram realizadas com pincel muito fino e traço firme, geralmente com tinta vermelha; também foi utilizado o amarelo, o branco e o preto em menor quantidade. Representam cenas de grande realismo e vivacidade, com temas de caça, luta, dança e sexo, o último tema em menor quantidade. As figuras, de pequeno tamanho oscilam entre 5 e 15 cm. de altura e apresentam atributos que as diferenciam socialmente, tais como armas (arcos, bordunas e propulsores) e adornos (cocares, saias e pintura corporal). Entre os zoomorfos encontramos veados, onças, capivaras e grande número de aves entre as quais predominam emas, papagaios, além de tucanos. Em alguns abrigos são representadas barcas ou pirogas com remos, geralmente associadas a cenas humanas que se repetem nos diferentes abrigos, acentuando-se, assim, outra característica do estilo. Em geral, as cenas repetidas tem sentido mágico ou religioso, tais como danças em torno de uma árvore ou figuras que dançam com ramos nas mãos; grupos de caçadores levam arcos e objetos arredondados nos braços, representando sacolas; uma figura adornada com grande cocar, dirige, as vezes, o grupo. Outra característica peculiar é a presença de "paisagem" separando as cenas, com desenhos que sugerem vegetação rasteira e também a figura de um grande pássaro gigante, se comparado com o tamanho das outras figuras, que se apresenta com aspecto de totem isolado.

Essa grande variedade de cenas e figuras, pode ser encontrada em apenas sete abrigos copiados exhaustivamente. Entretanto ainda existem outros do mesmo estilo, cujo estudo deverá ser realizado brevemente. Na mesma região existem também numerosas gravuras na rocha da tradição **itacoatiara** ao longo de riachos e cursos d'água e que formarão parte de outro estudo em preparação.

O abrigo "Casa Santa" (RN-CD-3), está situado sobre o riacho do Bojo, afluente do Carnaúba, tributário do Seridó, geralmente seco e que somente enche nas enxurradas

do inverno. O abrigo está situado no meio de uma caatinga fechada e hostil onde é preciso entrar a golpe de facão e na qual são comuns a onça, o preá e o tatú, além de grande variedade de cobras. As pegadas de onça são visíveis durante grande parte do caminho arenoso. A uma hora de caminho do abrigo, no leito do riacho, existe um olho d'água perene no qual mesmo na grande estiagem de 1980-81 pudemos comprovar que o depósito mantinha-se cheio d'água.

O abrigo tem 3.40 mts de altura, 5.40 de largura no ponto mais profundo e 26 mts de comprimento. Virado para o poente, é fresco e sombrio até o meio-dia, porém a partir das 13 horas, aproximadamente, o sol penetra e ilumina as pinturas, que desaparecem a olho nú, fazendo-se insuportável pelo calor a permanência nele. De pouca profundidade, sua base assenta diretamente na rocha sem que exista nenhum sedimento que permita escavações arqueológicas. O sítio não apresenta condições para habitação permanente e nenhum resto arqueológico foi achado nas imediações.

As pinturas de "Casa Santa", como nos outros sítios do mesmo estilo, cobrem, praticamente, toda a superfície do abrigo, porém, em grande parte do mesmo estende-se uma camada salina sobre o arenito que, em alguns casos, cobre as pinturas por completo. Noutras áreas, a esfoliação natural da rocha, destruiu numerosos desenhos, encontrando-se alguns fragmentos de rocha com pinturas no solo. O sítio forma um salão central e dois pequenos recintos laterais, todos eles com pinturas.

Temos observado nos abrigos com pinturas do estilo **Seridó**, que todos apresentam um recinto ou lugar protegido onde a rocha aparece mais firme e polida no qual se concentram o maior número de desenhos, em alguns casos com cenas superpostas formando palimpsesto. Este detalhe é particularmente significativo nos sítios do "Boqueirão", em Parelhas e em "Casa Santa" de que, agora, nos ocupamos. Esses conjuntos de grande concentração de pinturas que chamamos de "grande Painel" ou "Santuário", contrastam com o resto do abrigo onde as cenas se sucedem com nitidez e certa ordem, sem superposição de temas pictóricos. Não podemos deixar de pensar no caráter mágico-religioso destes recantos protegidos e profusamente pintados, tão característicos do estilo.

Entre as numerosas cenas representando danças que se encontram nos abrigos do estilo **Seridó**, destacam-se as relacionadas com árvores ou ramos. Em todos os sítios até agora pesquisados, encontramos repetidamente o tema. Em "Casa Santa", uma figura humana adornada com um grande cocar, estica os braços que sustentam um ramo com galhos (figura n.º 1) e é evidente a atitude do dançarino como um personagem principal cuja hierarquia vem assinalada pelo grande cocar; seguem-lhe uma fileira de outras figuras humanas que acompanham a dança, numa das cenas mais marcantes do "Grande Painel". O mesmo tema, com pequenas variantes, aparece nos outros sítios; no abrigo Xique-Xique II (Carnaúba dos Dantas) em uma das mais belas cenas do estilo, uma roda de figuras humanas, formando pares, gira em torno de uma figura central, possivelmente mascarada, que sustenta um ramo em cada mão numa graciosa atitude (fig. n.º 1). Há outra figura semelhante noutro painel do mesmo abrigo (fig. n.º 1). No abrigo Xique-Xique I, várias figuras humanas esquematizadas, dançam em torno de uma árvore; os antropomorfos e os galhos da árvore confundem-se e a falta de perspectiva as coloca umas em plano superior à outras. No "Boqueirão" (Parelhas), as cenas do mesmo tipo repetem-se em vários painéis. No painel n.º 3, a cinco metros de altura do solo, uma cena representa duas figuras que dançam segurando uma árvore (fig. 1). Frente a estas cenas, sentimos a necessidade de perguntar-nos pelo significado das

mesmas. A primeira resposta que se nos oferece é que estariam relacionadas com cultos agrícolas, porém não podemos esquecer a existência de ritos relacionados com plantas alucinógenas como é o caso da jurema (*Pithecolobium tortum* e *Pithe. diversifolium*), amplamente difundidos nas populações indígenas, ou o rito do juazeiro sa-grado (*Zizyphus joazeiro*) árvore que não perde a folhagem durante a seca, ainda praticado pelos remanescentes Fulni-ô, de Águas Belas, em Pernambuco. Também é importante assinalar que, no SW do Piauí, em abrigos com pinturas pesquisadas por Niede Guidon, aparece o mesmo tema, sejam homens dançando em torno de árvores, sejam figuras humanas com ramos nas mãos, num contexto cultural de caçadores com cronologias muito antigas que excluem conhecimentos agrícolas.

Outro tema bem característico do estilo Seridó, e que temos denominado "grupos de família", é a cena com três figuras humanas que se repete em todos os abrigos, inclusive mais de uma vez. Com diferenças no vestuário e na atitude, a cena é, basicamente, a mesma: duas figuras humanas que poderíamos identificar como de distinto sexo porque, geralmente há marcadas diferenças entre elas, protegem, contemplam ou admoestam outra figura menor, seguramente uma criança. A diferença de sexo entre as figuras maiores vem determinada ou pela indicação dos atributos sexuais nas figuras ou pela diferença na vestimenta e nos adornos; a figura central é sempre mais singela e de traço mais simples (fig. n.º II). Em "Casa Santa", as figuras adultas do grupo apresentam grandes cabeleiras compridas que ultrapassam os pés; no sítio Xique-Xique I, as figuras adultas levantam os braços sobre a criança; em Xique-Xique II, as figuras adultas, com pintura corporal ou túnicas de fibra pintada ou trançada, levantam os braços sobre o menor. No mesmo sítio encontramos, também, as figuras de grandes cocares ou longos cabelos; uma das figuras levanta os braços com uma arma sobre a cabeça do menor, este também armado e adornado com cocar. Vários desses grupos, foram desenhados no manuscrito de José Azevedo Dantas (*) que fez a descrição seguinte:

"Silhuetas prehistóricas. Alguns casaes de tão longevos tempos consagram a graça do menor que se inicia na vida primitiva. O velho cacique ou o chefe da tribo, ostentando bellas divisas que se desprendem de seu singular capacete, ergue o "glorioso" tacape invocando por sua voz valores ao seu..."

* * *

Deliberadamente, renunciamos a utilizar tabelas e gráficos estatísticos da maior ou menor ocorrência de determinados tipos, formas, número de antropomorfos e zoomorfos, etc., por considerarmos que a temática dos painéis rupestres tem uma unidade intencional, que pode não estar clara para os nossos olhos, porém, representava uma

(*) José de Azevedo Dantas. Indícios de uma civilização antiqüíssima, manuscrito inédito existente no Instituto Histórico da Paraíba. Seu autor arqueólogo e jornalista autodidata, natural de Carnaúba dos Dantas, percorreu, entre 1924 e 1926, as serras da região do Seridó, copiando pinturas e gravuras rupestres que colecionou cuidadosamente. Redigiu, também, manualmente dois jornais, O raio e O momento, que distribuía entre seus conterrâneos. Vários exemplares, assim como seu diário e seus numerosos desenhos, foram-nos confiados pela família, residente em Carnaúba dos Dantas. Um trabalho sobre este interessante pesquisador está em preparação e será publicado pela Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

estrutura lógica para seus autores. Desmembrar os painéis rupestres e privar as figuras de sua liberdade, fechando-as dentro dos quadros de uma tabela de coordenadas e abscissas é, na nossa opinião, impor nossa lógica matemática a um grupo humano cujos conceitos e valores de comportamento nada têm a ver conosco. Sempre que possível e dentro das limitações gráficas que nos são impostas, procuramos reproduzir os painéis completos, apenas indicando-se as cenas mais significativas em tamanho maior.

É comum utilizar-se, atualmente, no estudo da arte rupestre brasileira, fichas e tabelas que permitam estabelecer estatísticas de ocorrência de motivos e temas pictóricos. O método científico em Arqueologia, caracterizado, especialmente, pelos métodos estatísticos, entre os quais o método Ford (1962), o mais utilizado no Brasil, tem dado excelentes resultados na análise da cerâmica e do material lítico, porém, o tabelamento das representações rupestres primitivas tem-se revelado, na nossa opinião, completamente inútil, especialmente nas pinturas do estilo **Seridó**, onde as figuras formam sempre parte de uma cena, sendo muito raras as figuras isoladas, portanto separá-las por grupos de antropomorfos e zoomorfos, posição, movimento, atitude, tamanho ou forma, significa isolá-las do contexto sem resultados positivos aparentes. Não devemos esquecer que, se o elemento mágico religioso representa o tema principal na arte rupestre universal, não pode ser desprezado o gosto estético de cada grupo ou do indivíduo que realiza a pintura. Na nossa opinião, os painéis de pinturas e gravuras rupestres devem ser estudados no seu conjunto e não por figuras e desenhos isolados, pois o resultado desta última técnica, seria o mesmo que se obteria ao estudar a obra de um pintor dividindo seus quadros em fragmentos. Tem-se tentado também, estudar a arte rupestre por computação, sem que os resultados obtidos, até o momento, tenham levado a nenhuma conclusão satisfatória.

Para evitar que predomine única e exclusivamente a visão do arqueólogo, possivelmente objetiva demais, nas nossas missões para o estudo das pinturas do Seridó, tem-nos acompanhado, sistematicamente, uma artista plástica e uma antropóloga cultural, capazes de estudar as pinturas através de óticas diversas o que tem sido de grande ajuda na hora das interpretações.

Distribuição dos desenhos no abrigo "Casa Santa"

O abrigo apresenta um nicho limitado pela própria conformação da rocha onde se acumulam a maior concentração de pinturas e que denominamos de "Grande Pannel". As pinturas restantes, foram separadas por cenas, diante da impossibilidade de se estabelecer painéis contínuos, pois a decomposição da rocha destruiu áreas que certamente estavam cheias de desenhos. Identificamos treze cenas. A cena n.º 1 está a poucos centímetros do ponto zero da linha d'água, fora do abrigo, num pequeno nicho; as cenas 2 a 12 estão dentro do abrigo e são fragmentos de grandes painéis, hoje perdidos. Fora do abrigo, à direita, num pequeno recôncavo, identificamos a cena n.º 13.

Cena n.º 1 (figuras III e IV).

Com grande nitidez, numa cor vermelha escura, identifica-se uma fileira de seis guerreiros segurando as armas com ambas as mãos, por cima da cabeça; de frente ao grupo, uma figura hitifálica parece enfrentá-los. Outros homens armados lutam entre si com maças ou bordunas (fig. III). Um grupo "familiar", de traço bem nítido, mostra um guerreiro armado, a criança e outra figura humana, de tamanho menor, segura-

mente feminina, com os braços levantados em gesto protetor (fig. IV). Outras figuras armadas, enfrentam-se numa mistura de luta e dança.

Cena n.º 2, (figura IV).

Muito apagada, na cor vermelho claro, devia ter maior número de figuras que hoje são apenas manchas cortadas pela esfoliação da rocha. Identifica-se um antropomorfo, com o característico perfil do estilo, e uma armadilha.

Cena n.º 3, (figura IV).

Formada pela figura única de um dançarino que parece ter sido surpreendido no ato de pular. Desenho nítido e singelo na cor vermelha.

Cena n.º 4, (figura V).

Três zoomorfos e um antropomorfo aparentemente sem relação entre si. Uma em frente a uma série de linhas verticais paralelas que podem representar uma armadilha ou uma mata. Dois veados de desenho bem nítido e a figura de um caçador ou guerreiro com o característico perfil, empunhando sua arma. Os desenhos apresentam-se em três níveis pela falta de perspectiva, caso se deseje identificar uma única cena de caça.

Cena n.º 5, (figura VI).

Sobre uma base amarela, antropomorfos na cor vermelha, parecem segurar-se pelas mãos dançando. Na cabeça apresentam antenas. O desenho é muito esquemático, porém a idéia do tema é a mesma da cena n.º 8. Na frente, outro antropomorfo com o típicos perfil e longo cocar, segura uma arma e parece chefiar o grupo.

Cena n.º 6-7 (figura VII).

Figuras antropomorfas com máscaras que se assemelham a grandes chifres, também representadas no "Grande Painel" e que levam bolsas penduradas nos braços estendidos, corpo ou roupa pintada e um grande cocar; na parte superior um zoomorfo (quelônio?). Cor vermelha.

Cena n.º 8 (figura VII).

Pequenos antropomorfos com duas ou três antenas na cabeça, seguram-se pelas mãos numa dança de roda em torno de outra figura maior com cocar de longas penas e que, também, parece dançar. O tema é o mesmo da cena n.º 5. Cor vermelha clara.

Cena n.º 9, (figura VII).

Dois estranhas figuras, de grandes bocas com dentes, retorcem-se enquanto duas enormes setas vão ao seu encontro. Possivelmente representam onças feridas. Outra onça, peluda, de grandes garras e dentes aproxima-se. Uma série de linhas paralelas pode indicar uma armadilha ou a mata onde o animal estava escondido. Um pouco mais afastados, um antropomorfo e uma arara. Cor vermelha clara.

Cena n.º 10, (figura VIII).

Dois figuras humanas, armadas com arcos e setas, parecem lutar; as figuras levam cocares e, possivelmente saias de fibras. Uma figura isolada dança com movimentos graciosos. Cor vermelha.

Cena n.º 11, (figura VIII).

Dez figuras humanas caminham em fila, as cabeças de perfil com forma de meia-lua característica do estilo **Seridó**. Na parte superior, uma figura maior com cocar, sentada contempla a cena. Cor vermelha.

Cena n.º 12, (figura VIII).

Três figuras antropomorfas, com armas e bolsa na mão. Cor vermelha.

Cena n.º 13, (figura IX).

Fora do abrigo, à direita, numa concavidade da rocha e já muito apagada, encontramos a figura de um guerreiro ou caçador armado. Embaixo do painel, uma figura humana ainda com a arma na mão, parece caída no solo; outras perseguem um veado que se esconde na mata. Figuras antropomorfas, com penas e cocares e braços levantados, parecem dançar em torno de quadrúpedes abatidos e de pernas para o ar. Na parte baixa do painel, uma figura de maior tamanho, isolada, apresenta-se com um grande cocar que arrasta-se até o solo.

O Grande Painel, (figura X).

O painel forma um dos conjuntos mais interessantes e belos do estilo Seridó e provavelmente de toda a pintura rupestre brasileira. Sobre um fundo de tons escuros, os desenhos aparecem nítidos, cheios de movimento e vivacidade, numa sequência ininterrupta de "usos e costumes" do grupo humano retratado. Aos olhos do observador, cansado e sedento, após longa caminhada na caatinga, o espetáculo é, sem dúvida, altamente compensador.

Numa concavidade da rocha, cuja superfície pode ter sido alisada artificialmente, agrupam-se a partir de quase quatro metros de altura, a maior concentração de desenhos do abrigo.

Ao contrário de outros painéis de "Casa Santa", o Grande Painel foi pintado pelo menos em duas etapas e, seguramente, por artistas diferentes, se bem que o estilo seja o mesmo e não haja, aparentemente, diferenças cronológicas significativas entre uma e outra fase. As duas etapas da pintura do Grande Painel foram realizadas com tintas e tonalidades diferentes, branca e amarelo-laranja a primeira e vermelha a segunda, o que permite separar-se facilmente as duas fases. Os desenhos sobrepõem-se na sequência da cor vermelha sobre o amarelo e o branco. Alguns desenhos parecem ter sido repintados com tinta vermelha sobre os desenhos anteriores, mais apagados, cuja cor, branca ou amarela, aparece nas bordas; outras figuras diferentes foram pintadas, também, em vermelho, sobre os desenhos anteriores brancos e amarelos.

A dança e a caça são os temas principais do painel, embora outros motivos também apareçam. Em dança ritual, de iniciação sexual ou mesmo guerreira as figuras do Grande Painel apresentam, sempre, grande movimento, aliás, característico do estilo **Seridó**.

A variedade de antropomorfos é enorme e repete-se noutros abrigos do mesmo estilo. Ao contrário de outras pinturas rupestres localizadas no Nordeste, como as da tradição **Agreste** (A. Aguiar, 1982), onde as diferenças nos antropomorfos muitas vezes parecem consequência da imperícia do autor, as figuras humanas no estilo **Seridó**, são, deliberadamente, distintas, como querendo assinalar, firmemente, diferenças sociais, hierárquicas ou, também, representando tribus diferentes que se enfrentam. Encontramos

figuras esguias, de perfil, adornadas com longos cocares, pintadas na cor branca (8-9-H-C) e outras também brancas, seguramente pintadas na mesma ocasião, que apresentam-se de frente, com cocares de penas curtas e corpos atarracados (7-0). Figuras com grandes adornos na cabeça ou guerreiros sem adorno nenhum, apenas com suas armas. Uma curiosa figura, de cor amarela, corre levando um grande cocar que parece levantado pelo vento (8-G).

Cinco desenhos de barcas ou pirogas estão representados neste painel. No extremo superior esquerdo (3-D) junto a uma piroga com remo de desenho contornado, duas figuras antropomorfas lutam, uma atacando violentamente com uma borduna; ambas levam cocares curtos e uma delas leva saia de fibras. Outra barca (6-D), na cor vermelha, com remo, junto da qual lutam personagens armadas e uma figura perde o equilíbrio ante o impacto do seu inimigo (7-E). Mais duas barcas, de desenho contornado (8-J e 8-N) em vermelho, sobrepõem-se às figuras humanas de longos cocares, pintadas na cor branca, que vão armadas com arcos e flechas com seu perfil característico que se assemelha a bocas desmesuradamente abertas que gritam ou cantam. A quinta piroga (13-P), de desenho muito cuidado, em vermelho sobre branco, apresenta uma barca com desenho pintado no casco; a sua esquerda uma figura humana com grandes antenas (13-O) enfrenta outra, com saia de fibras. — Junto a elas uma figura hitifálica parece dançar. Vê-se que dentro do mesmo estilo, encontram-se num mesmo painel cinco formas diferentes de representar barcos o que, aliás, é um tema constante no estilo.

Chama logo a atenção ao contemplar-se o Grande Painel, a presença, com cuidado desenho, de dois tapetes que imitam tecido trançado ou pintado em vermelho e branco (12-13-N).

Uma cena de cópula, na cor amarela (12-L). Casais que conversam ou ensaiam uma dança (7-K; 9-M; 9-Q; 12-B) e uma cena "familiar" tão típica do estilo (9-AB).

Uma das mais belas cenas do painel (9-10-C) apresenta uma figura com grande penacho e que leva nos braços um ramo, encabeçando uma dança na qual participam mais sete figuras com lanças e bolsas. A última figura leva uma grande máscara em forma de chifres.

Três figuras humanas aparecem caídas, possíveis vítimas de uma luta (5-N). Acima (3-O), uma figura humana (incompleta) lança-se, violentamente, sobre um veado.

Os zoomorfos estão representados por quadrúpedes (veados) e por numerosas emas de diferentes tamanhos e nas cores vermelha, branca e amarela. Uma ema, de cor amarela (8-9-C), levanta suas pequenas asas iniciando a corrida. Outras duas na mesma cor (12-13-E) são acossadas por caçadores armados: Outras aves representadas são papagaios, quatro na cor vermelha (10-C; 12-I; 2-3-L) e uma desenhada com tinta branca (8-B-C).

Melhor do que qualquer descrição, por mais detalhada que seja, é a observação cuidadosa do Grande Painel que nos dá uma visão de conjunto. Observa-se então que os temas abstratos ou de difícil interpretação são muito poucos. Dentro da arte rupestre brasileira, o estilo **Seridó** pode considerar-se um estilo hiper-realista, uma representação viva da vida do grupo.

Infelizmente não possuímos ainda elementos da cultura material dos grupos re-

tratados. As sondagens realizadas nos abrigos que apresentavam algum sedimento foram infrutíferas. Os abrigos de estilo **Seridó**, até agora pesquisados, não eram lugares de habitação e nenhum material arqueológico foi achado por perto.

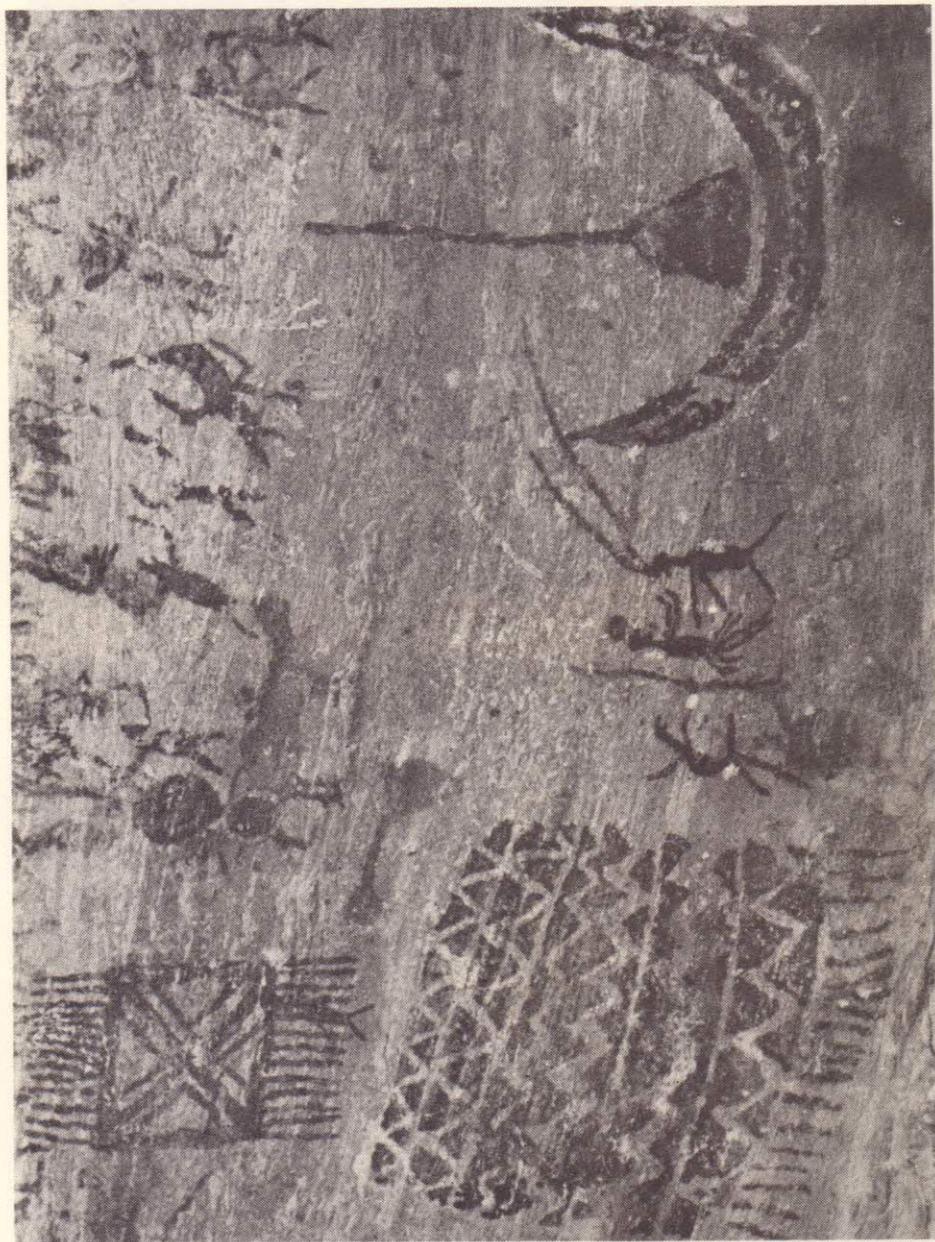
Pelas características dos desenhos podemos deduzir que se trata de grupos que conheciam tecelagem, navegação fluvial com pirogas, arcos e flechas, propulsores e bordunas, adornos plumários e, provavelmente, cerâmica, esta última, pelos recipientes redondos que muitos dos antropomorfos carregam, inclusive no abrigo Xique-Xique I, algumas figuras humanas carregam uma barra sobre os ombros com quatro ou seis recipientes pendurados. Temos aí, pois, uma sociedade organizada e hierarquizada que em nada difere dos grupos indígenas conhecidos a partir do Descobrimento e que possuíam culturas agrícolas; porém, com se calcula que em torno de 2000 a 1500 anos AP tenham começado formas incipientes de agricultura no Nordeste, é neste longo parentese cronológico que devemos inserir o grupo humano que nos deixou retratada, com cor e movimento, sua vida cotidiana.

NOTAS

- AGUIAR, Alice. **Tradições e estilos na arte rupestre do Nordeste brasileiro**. CLIO n.º 5, 1982 Revista do Mestrado em História da UFPE, Recife.
- FORD, James A. **Método quantitativo para estabelecer cronologias culturais**. Manuales 1962 Técnicos III, Unión Panamericana, Washington.
- GUIDON, Niede. **Peintures rupestres de Varzea Grande, Piauí, Brasil**. Cahiers d'Archeologie d'Amerique du Sul, 3, Paris.
- 1976 **Definição e delimitação do estilo Varzea Grande (ensaio)**. Actes du XLII Congrès Internatuonal des Americanistes. Vol. IXB, pag. 391-406, Paris.
- MARTIN, Gabriela. **Estudos da arte rupestre no Nordeste brasileiro**. Boletim do Departamento de História da UFPE, n.º 2, Recife.
- 1982 **O estilo Seridó na arte rupestre do Rio Grande do Norte**. Comunicação à I Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), Rio de Janeiro.
- PESSIS, Anne-Marie. **Méthode d'analyse des representation rupestres**. Etudes américanistas interdisciplinaires. Amerique do Sul, n.º 1 C.N.R.S., Paris.



Grande Painel de Casa Santa, Carnaúba dos Dantas



Detalhe do Grande Painel do sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas



Desenhos de barcas no sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas



Detalhe do Grande Painel do sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas



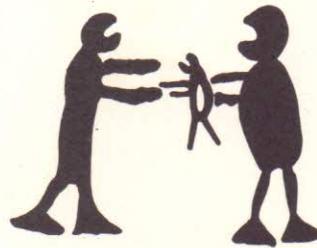
1



2



3



4



5



6

0 10cm.

Figura I. Grupos "familiares" no estilo Seridó. 1-2 sítio Casa Santa; 2-4 sítio Xique-Xique I; 5-6 sítio Xique-Xique II, Carnaúba dos Dantas (RN).



Figura II. Danças com árvores e ramos no estilo Seridó. 1-2 sítio Xique-Xique I, Carnaúba dos Dantas; 2-6-7 sítio Boqueirão, Parelhas; 4 — sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas; 5 — sítio Xique-Xique I, Carnaúba dos Dantas, (RN).



C-1a

Figura III. "Casa Santa", cena 1 A

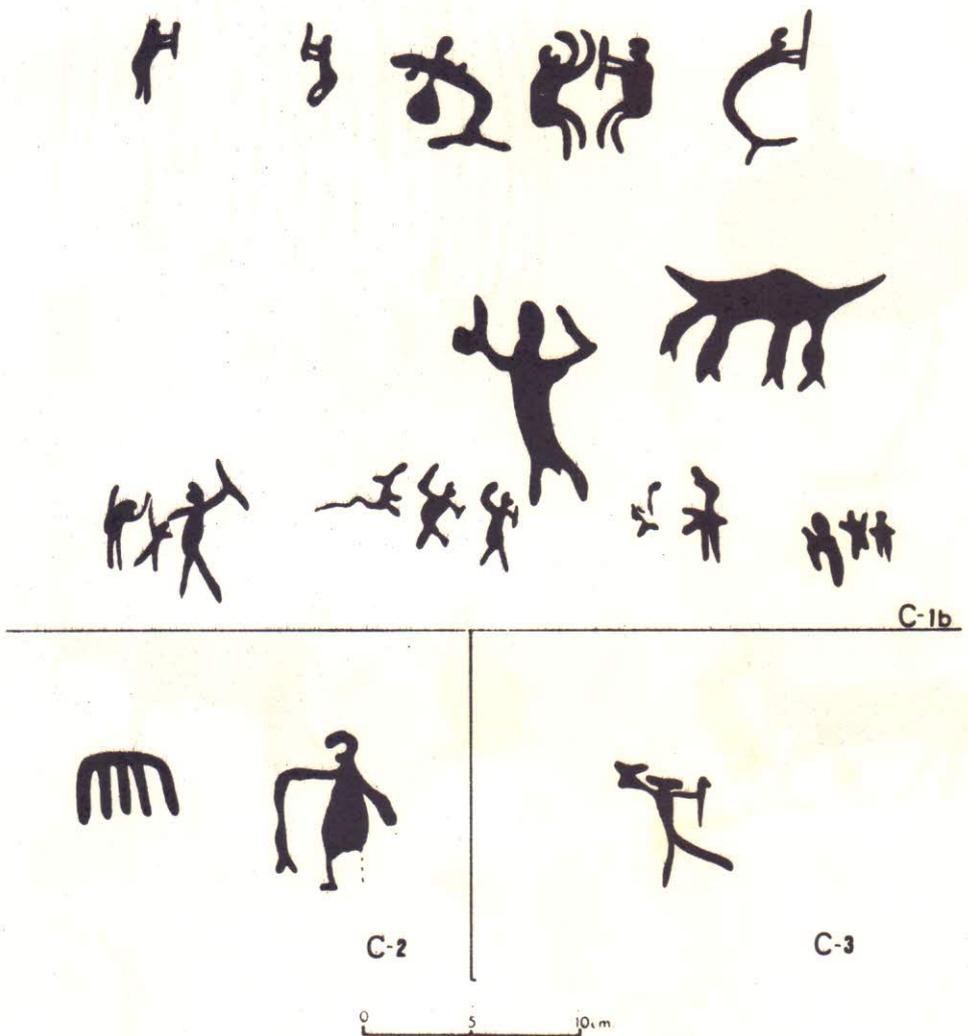


Figura IV. "Casa Santa", cenas 1 B, 2 e 3.



Figura V. "Casa Santa", cena n.º 4.

C-4

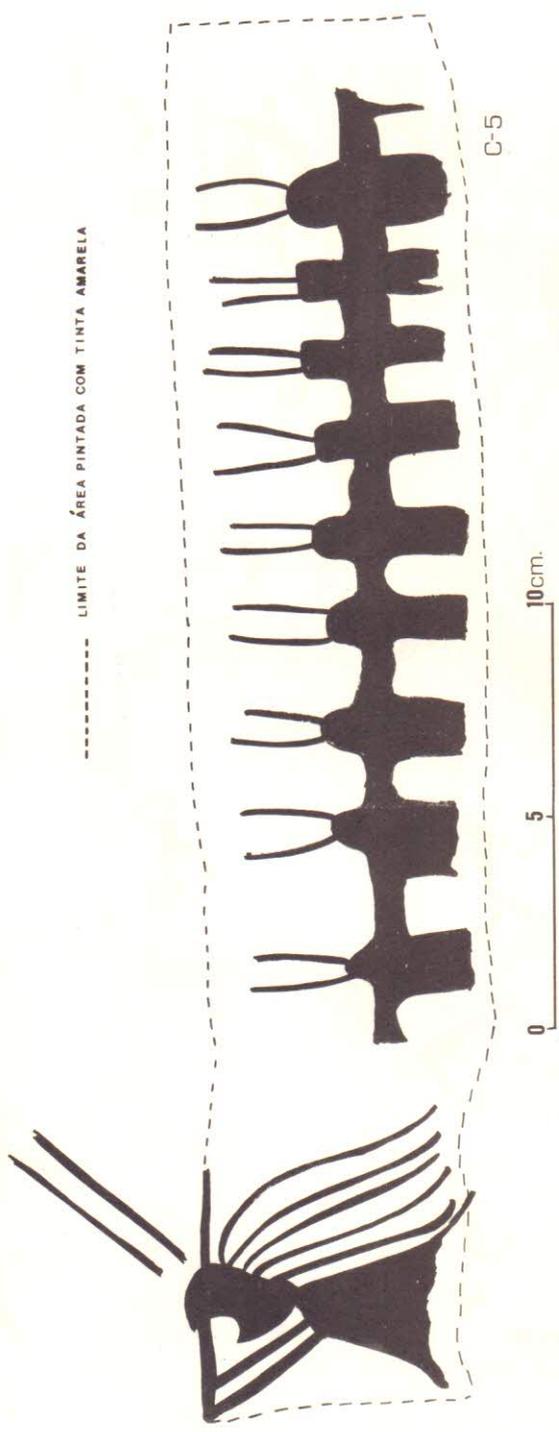


Figura VI. "Casa Santa", cena n.º 5



C-6-7



C-8



C-9



0 10cm.

Figura VII. "Casa Santa", cenas 6, 7 8 e 9.

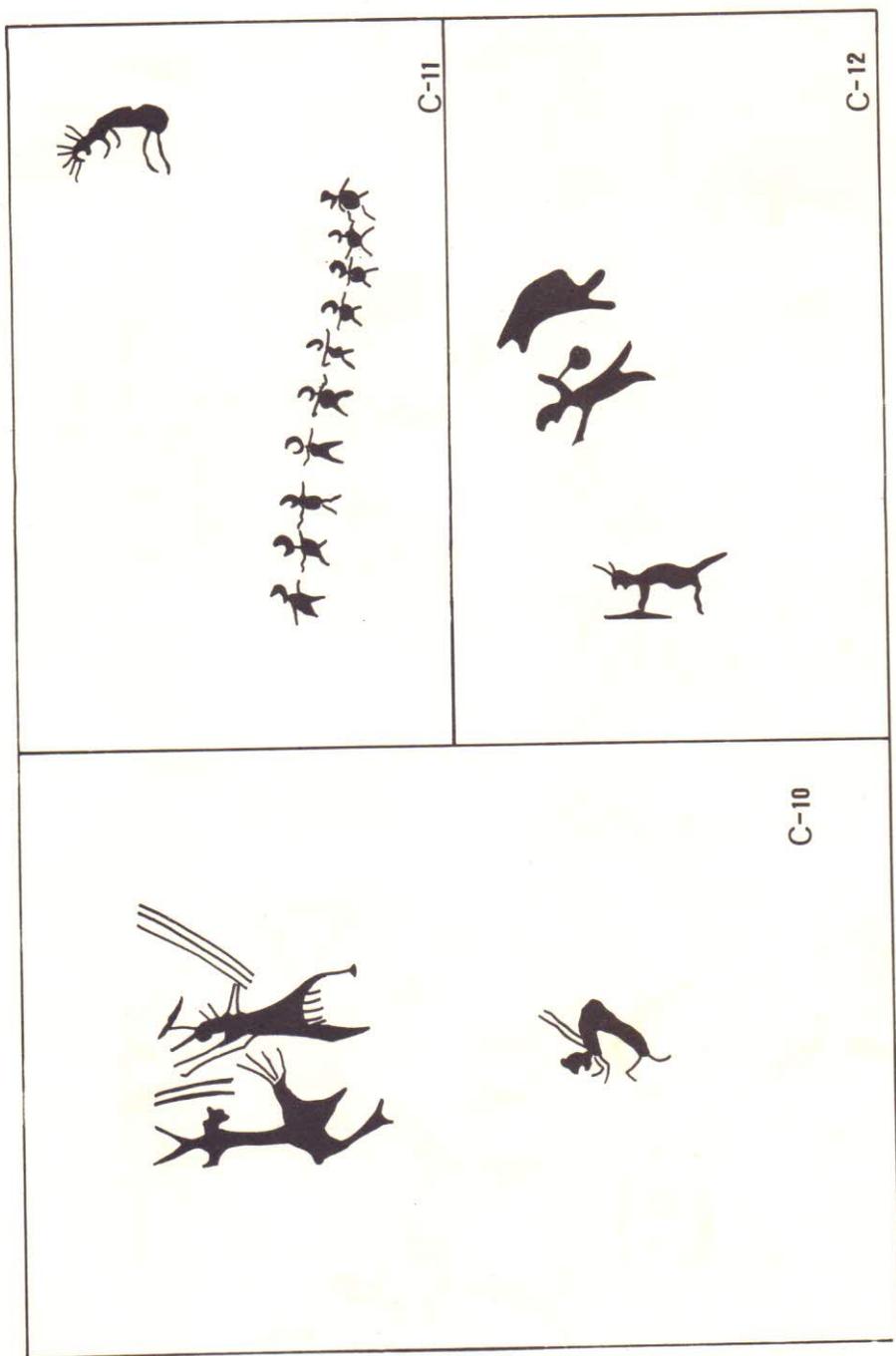


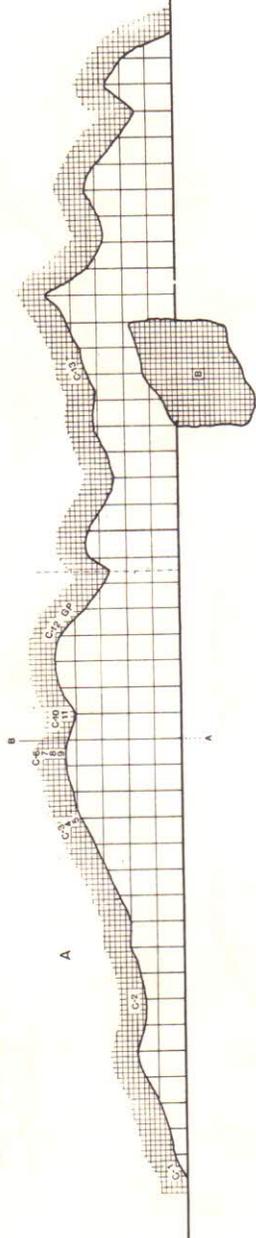
Figura VIII. "Casa Santa", cenas n.º 10, 11 e 12



C-13

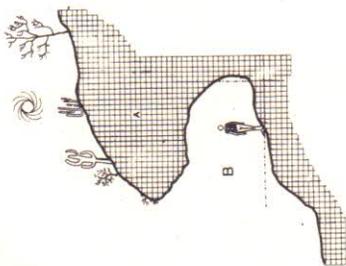


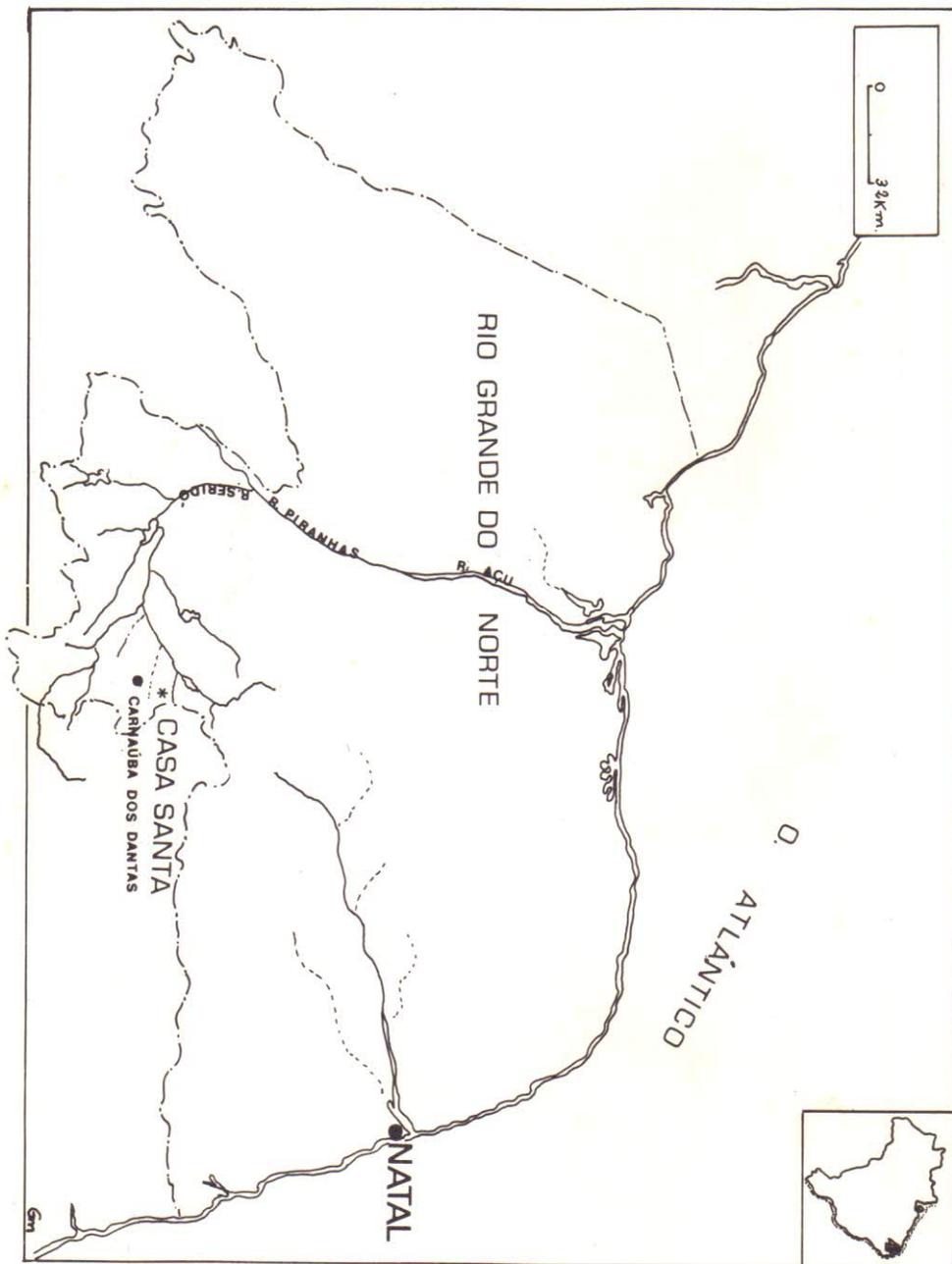
Figura IX. "Casa Santa", cena n.º 13

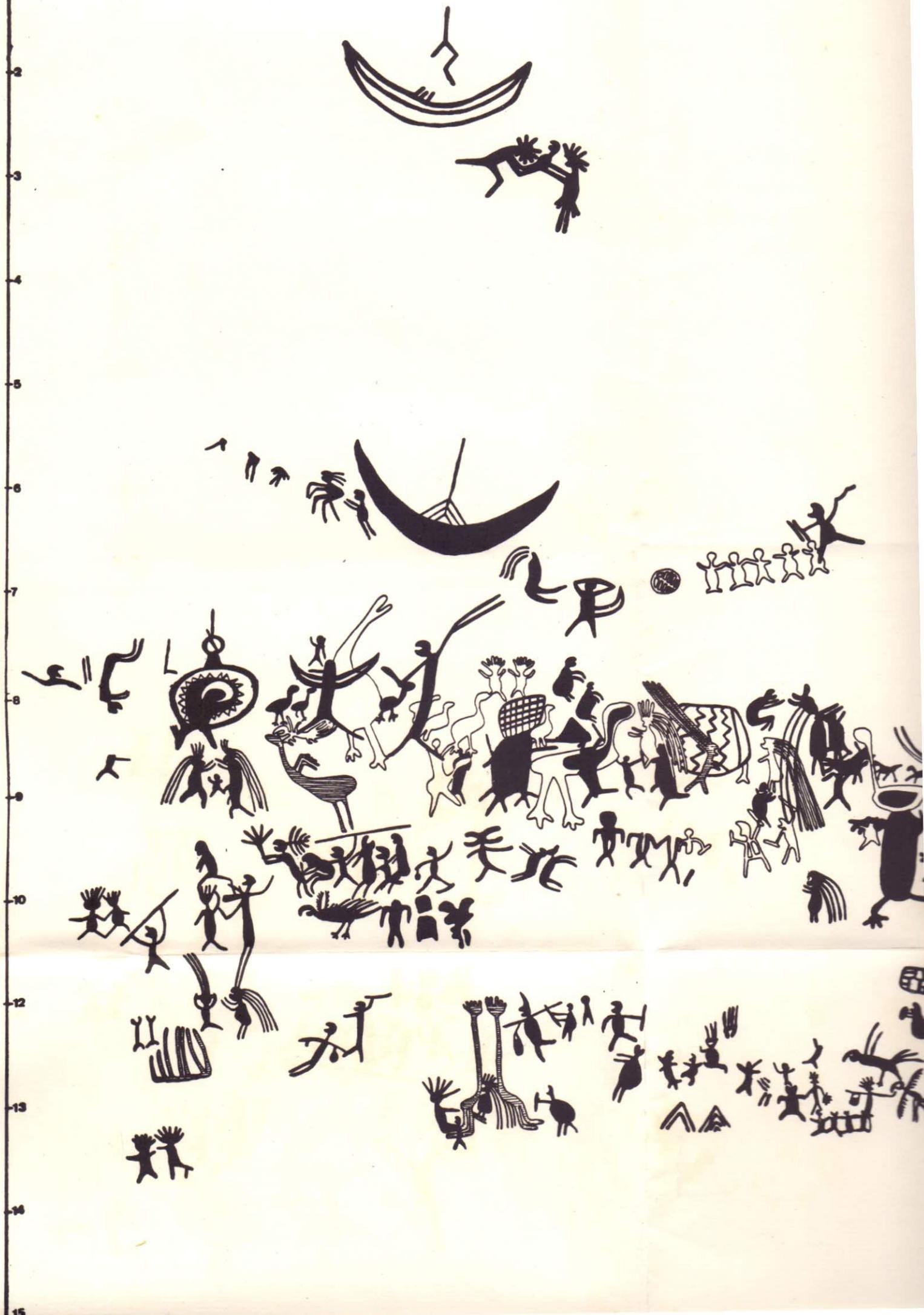


**Casa santa
Carnaubas dos Dantas RN**

- A - Planta do abrigo
- B - Partil Corte A-B
- B - Bloco caído
- Arénlio
- C-1 Cenos
- G-P Grande Poquei







Sítio Casa Santa
Carnaúba dos Dantas - RN
Grande painel



- branco
- amarelo
- vermelho

